

5. Avaliação Escolar

O que é avaliar? Para que avaliar? Como avaliar? Essas são questões que nós, educadores, tentamos responder ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Para Luckesi, (2000, capa) “A avaliação da aprendizagem escolar se faz presente na vida de todos nós que, de alguma forma, estamos comprometidos com atos e práticas educativas”. Nesse sentido, a avaliação presente na própria sociedade e no meio escolar torna-se para nós um, entre vários termos de preocupações. (Revista Pátio, Ano III - Nº 12 - Novas Perspectivas em Avaliação - Fevereiro a Abril de 2000)

Uma das características do ser humano é a capacidade de julgar o seu semelhante. Ao julgar, utilizam-se critérios de valores geralmente concebidos socialmente, ou seja, o que é bom e o que é mau. Diante disso, surgem muitos conceitos, pré-conceitos e discriminações de um sujeito que não seja aquilo que se quer dele, possibilitando, assim a sua exclusão do meio em que ele esteja inserido.

E na escola? Como a avaliação é concebida? A primeira ideia é se o aluno aprendeu ou não os conteúdos durante o bimestre, o semestre ou ainda no ano letivo e, se é capaz de ser promovido à série posterior. Geralmente, utiliza-se de um valor numérico, submetendo o processo educacional apenas aos resultados quantitativos, como se o saber pudesse ser mensurado. O processo de avaliação é necessário e inevitável, sobretudo, é importante que tenhamos clareza do uso que fazemos dele. Vasconcelos (1994, 43) considera a avaliação como:

Um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar obstáculos. A nota, seja na forma numérica (ex.:0-10), conceito (ex.: A, B, C, D) ou menção (ex.: excelente , bom , satisfatório, insatisfatório), é uma exigência formal do sistema educacional.

Na História da Educação encontramos duas concepções distintas na forma de avaliar, uma existente na tão famosa Didática Magna de Comenius, em que posiciona a avaliação da seguinte forma:

1. “De tempos em tempos, interrompendo a lição, deve interrogar um ou outro: “o que acabei de dizer? quer repetir esse período? em que ocasião aconteceu isso? etc. Isso será útil para toda a classe. Se ficar claro que alguém estava distraído, deverá ser repreendido e punido imediatamente, para que todos se esforcem em prestar mais atenção” (COMENIUS, 2002, p. 212).

2. “O professor pessoalmente, como inspetor supremo, deverá dirigir-se ora a um, ora a outro, para verificar sobretudo a atenção daqueles em quem tem pouca confiança. Por exemplo: pedirá as lições aprendidas de cor a um aluno, a um segundo, a um terceiro e a todos, enquanto todos os outros ouvem. Assim, todos deverão ir preparados para a escola, pelo temor de ser interrogados” (COMENIUS, 2002, p. 213).

3.1. *“O professor também poderá, de quando em quando, olhar pessoalmente os cadernos deste ou daquele, sem ordem específica, e punir aquele que tiver sido negligente ou desatencioso” (COMENIUS, 2002, p. 214).*

A outra forma se encontra no Ratio Studiorum que enfatiza a repetição dos conteúdos de forma mecânica e sem questionamento do aluno – Repetitio mater studiorum (a repetição é a mãe da aprendizagem). Os conteúdos ou as lições eram transmitidos aos alunos de forma geralmente oral ou por escrito na lousa. Cabia ao aluno copiá-lo o quanto fosse possível ao ponto de decorá-lo. Posteriormente lhe era cobrado por meio de uma avaliação contínua e sistemática do mesmo conteúdo “até que fique indelevelmente na memória e faça parte da inteligência”.

Atualmente, podemos dizer que há duas formas de avaliação: a avaliação quantitativa e avaliação qualitativa. A avaliação quantitativa utiliza-se de meios objetivados no sentido de medir o desempenho do aluno, comparando-o com os demais colegas e dispendo-os em uma curva normal. Na prática escolar, utiliza-se predominantemente da prova ou de teste. A avaliação qualitativa vai além do quantitativo, realiza-se por meio de processo, buscando os motivos do sucesso ou insucesso do aluno.

Luckesi (1998, p. 33) utiliza o seguinte conceito de avaliação: “a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão”. A prática da avaliação passa também pelo processo de democratização da escola. É imprescindível que haja o envolvimento e participação de todos os segmentos da escola: direção, professores, funcionários, alunos, pais, comunidade na elaboração de um plano de trabalho, no seu acompanhamento e na avaliação dos seus resultados. Esse procedimento dará à escola legitimação política a sua ação educativa.

Jussara Hoffmann num de seus trabalhos de título: “Avaliação mediadora: uma relação dialógica na construção do conhecimento” (2000) propõe um tipo de avaliação em oposição a uma avaliação “sentenciosa, classificatória”. Para tanto, sinaliza que uma avaliação mediadora é aquela que faz parte do processo de aquisição do conhecimento, ou seja, aquela que “encorajaria a reorganização do saber”. Vejamos como diz a autora quando se trata de uma avaliação mediadora:

O paradigma de avaliação que se opõe ao paradigma sentencioso, classificatório é o que denomino de "avaliação mediadora". "O que pretendo introduzir neste texto é a perspectiva da ação avaliativa como uma das mediações pela qual se encorajaria a reorganização do saber. Ação movimento, provocação, na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno buscando coordenar seus pontos de vista, trocando ideias, reorganizando-a " (HOFFMANN, 1991, p. 67). Tal paradigma pretende opor-se ao modelo do "transmitir-verificar-registrar" e evoluir no sentido de uma ação avaliativa reflexiva e desafiadora do educador em termos de contribuir, elucidar, favorecer a troca de ideias entre e com seus alunos, num movimento de superação do saber transmitido a uma produção de saber enriquecido, construído a partir da compreensão dos fenômenos estudados. (HOFFMANN, 2000, p. 51)

O pesquisador e educador Luiz Carlos Freitas aponta que no contexto educacional a avaliação acontece em dois planos: uma avaliação formal (com provas, seminários, trabalhos

individuais ou em grupo, etc) e uma avaliação informal, subjetiva, que se realiza no silêncio, mas é percebida por meio de expressões, falas, ameaças, punições, comparações, entre outras atitudes. Podemos dizer que a avaliação informal, oculta, seja muito mais drástica, tendo em vista, que ela seja um dado da exclusão de muitos alunos no meio escolar e, por vezes, a evasão definitiva deste aluno.

A pesquisadora Ana Maria Saul num de seus artigos sobre avaliação de título “Para Mudar a Prática de Avaliação do Processo Ensino e Aprendizagem” (S/R: mimeo) agrupa alguns itens que nós, educadores e instituições de ensino, sentimos nesse processo e, ao mesmo tempo, apresenta uma proposta de avaliação. Vejamos:

Aspectos Técnicos	Aspectos Conceituais
<ul style="list-style-type: none"> • Que instrumentos selecionar e/ou elaborar? • Como registrar os resultados da avaliação? • Como fazer protocolos de avaliação, relatórios, pareceres, dossiês? • Quais são as diferenças entre diferentes modalidades de registros de avaliação qualitativa? • Como sintetizar os registros de avaliação e chegar a um conceito? • Como fazer avaliações individualizadas com muitos alunos na sala de aula? • Como comunicar os resultados de avaliação para as famílias? 	<ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de avaliação fazer? • O que é mais adequado, a avaliação quantitativa ou a avaliação qualitativa? • Qual é a avaliação que interessa? • O que fazer com a avaliação numa estrutura curricular em que não há retenção? Como garantir o aprendizado dos alunos? • O que fazer com os resultados da avaliação? • Como manter a disciplina dos alunos em sala de aula se a avaliação deixa de ter o poder de retenção?
<p>A AVALIAÇÃO QUE INTERESSA (proposta da autora)</p>	
<ul style="list-style-type: none"> • em compromisso com a educação democrática, numa perspectiva de inclusão dos educandos e não de exclusão deles; • contribui para o estabelecimento de uma relação pedagógica democrática; • tem função diagnóstica; • ajuda o educando a aprender e o professor a ensinar; • auxilia o professor a replanejar a sua ação; • favorece o auto-conhecimento do educando; • contribui para que o educando se torne o sujeito do seu processo de aprendizado; • é participativa; • tem a sua ênfase nos aspectos qualitativos do desenvolvimento do educando; • enfatiza o processo e o resultado do aprendizado; • focaliza os diversos aspectos relacionados ao processo ensino-aprendizado para a compreensão do desenvolvimento do educando. 	



Atualmente, muitos questionamentos têm surgido no meio acadêmico, sobretudo, quanto à qualidade de ensino. Nesse patamar, colocam-se tanto a didática quanto as metodologias de ensino no palco de debates frente aos inúmeros problemas que a Educação Brasileira vem enfrentando. Nesse sentido, podemos adiantar que os estudos propostos nesta disciplina não terminam aqui; requerem longos estudos e reflexões a respeito da educação, sobretudo, a partir do próprio significado de educação. Educação significa educar para a sociedade, para o mundo, ou seja, educar significa ações humanas que direcionam o sujeito nesse processo de entender e participar de forma efetiva numa sociedade. No meio escolar é a socialização do patrimônio de conhecimento acumulado e as formas de convivência social. Sendo assim, o que nos cabe então, caro aluno, são estudos e mais estudos, leituras e muitas leituras, participações em congressos, simpósios, seminários e, assim por diante, na busca de entendermos cada vez mais o significado não só da educação, mas da existência humana, e, principalmente, da importância da participação na formação de pessoas.



No site <http://portacurtas.uol.com.br> você pode assistir aos vídeos educativos sugeridos abaixo:

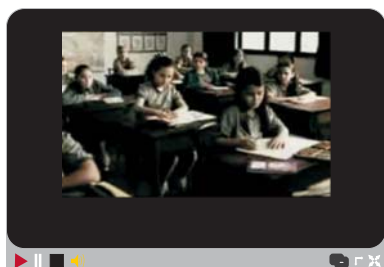


A Invenção da Infância

De Liliana Sulzbach

Duração: 26 min

Ser criança não significa ter infância. O documentário faz uma reflexão sobre essa fase da vida no mundo contemporâneo. Recomendado para estudantes e professores.

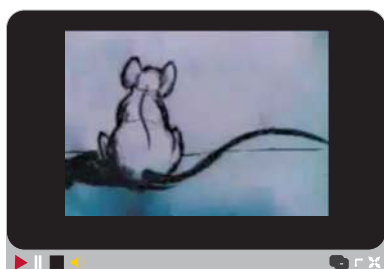


A Peste da Janice

De Rafael Figueiredo

Duração: 15 min

Início do ano letivo. Janice, filha da faxineira, é a nova aluna da escola.



Ratos de Rua

De Rafael de Paula Rodrigues

Duração: 05 min

Uma crítica social ao modo como são tratadas as nossas crianças e ao futuro do nosso país. Para ver e refletir.

Para mais vídeos educativos e textos visite:

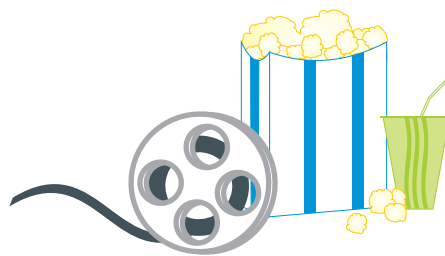
<http://www.miniweb.com.br/top/>

<http://www.microsoft.com/brasil/educacao/videos/default.msp>

<http://www.artmed.com.br/patioonline/patio.htm?PHPSESSID=47c842e39090dec902020db09b210123>

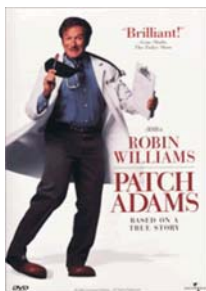
<http://www.scielo.br/?lng=pt>

Indicações de Filmes



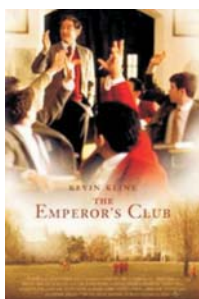
Pro Dia Nascer Feliz

Documentário sobre as diferentes situações que adolescentes de 14 a 17 anos, ricos e pobres, enfrentam dentro da escola: a precariedade, o preconceito, a violência e a esperança. Foram ouvidos alunos de escolas da periferia de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco e também de dois renomados colégios particulares, um de São Paulo e outro do Rio de Janeiro.



O Amor é contagioso (*Patch Adams*)

Em 1969, após tentar se suicidar, Hunter Adams voluntariamente se interna em um sanatório. Ao ajudar outros internos, descobre que deseja ser médico, para poder ajudar as pessoas. Deste modo, sai da instituição e entra na faculdade de medicina. Seus métodos poucos convencionais causam inicialmente espanto, mas, aos poucos, vai conquistando todos, com exceção do reitor, que quer arrumar um motivo para expulsá-lo, apesar dele ser o primeiro da turma.



O Clube do Imperador (*The Emperor's Club*)

Baseado no texto *The Palace Thief*, de Ethan Canin, *O Clube do Imperador* conta a história de William Hundert, um professor apaixonado pelo trabalho, que tem sua vida pacata e controlada, totalmente mudada, quando um novo estudante, Sedgewick Bell, chega à escola. Porém, o que começa como uma terrível guerra de egos, acaba se transformando em uma profunda amizade entre professor e aluno, a qual terá reflexos na vida de ambos nos próximos anos.



Sociedade dos Poetas Mortos (*Dead Poets Society*)

Em 1959, John Keating volta ao tradicionalíssimo internato Welton Academy, onde foi um aluno brilhante, para ser o novo professor de Inglês. No ambiente soturno da respeitada escola, Keating torna-se uma figura polêmica e mal vista, pois acende nos alunos a paixão pela poesia e pela arte e a rebeldia contra as convenções sociais. Os estudantes, empolgados, ressuscitam a Sociedade dos Poetas Mortos, fundada por Keating em seu tempo de colegial e dedicada ao culto da poesia, do mistério e da amizade. A tensão entre disciplina e liberdade vai aumentando, os pais dos alunos são contra os novos ideais que seus filhos descobriram, e o conflito leva à tragédia.



Concepções pedagógicas: A expressão “concepções pedagógicas” é correlata de “idéias pedagógicas”. A palavra pedagogia e, mais particularmente, o adjetivo pedagógico têm marcadamente ressonância metodológica denotando o modo de operar, de realizar o ato educativo. Portanto, em termos concisos, podemos entender a expressão “concepções pedagógicas” como as diferentes maneiras pelas quais a educação é compreendida, teorizada e praticada.

Estratégias: são meios disponíveis para alcançar objetivos específicos.

Epistemologia: a palavra epistemologia tem origem nas palavras *épistemê* que significa ciência e *logos* que significa estudo.

Interdisciplinares: Interdisciplinaridade é a integração de dois ou mais componentes curriculares na construção do conhecimento. A interdisciplinaridade surge como uma das respostas à necessidade de uma reconciliação epistemológica, processo necessário devido à fragmentação dos conhecimentos.

Método: maneira de abordar a realidade, de estudar os fenômenos da natureza e da sociedade. No processo de conhecimento científico o método relaciona-se com duas correntes filosóficas: o Materialismo com várias correntes (materialismo ingênuo, materialismo espontâneo, materialismo mecanicista, materialismo dialético, materialismo vulgar) e Idealismo filosófico com duas grandes correntes: Idealismo objetivo e idealismo subjetivo.

Metodologia: ciência do método, dos meios de investigação, conjunto de procedimentos, de métodos de investigação empregados numa ciência.

Processo: (no latim *procedere* é verbo que indica a ação de avançar, ir para frente (*pro+cedere*)). É conjunto sequencial e peculiar de ações que objetivam atingir uma meta.

Objetivos e/ou objetividade: qualidade do que é objetivo, relativo ao objeto, prático.

Democratização: vem do termo democracia ("*demo+kratos*") refere-se ao sistema onde os cidadãos decidem diretamente cada assunto por votação. No ensino escolar significa participação de todos (professores, alunos, corpo gestor) na decisão de um objetivo.

Fonte:

Historia, sociedade educação no Brasil Histedbr. (<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/>)

Glossário prof. Gilberto de Andrade Martins. (<http://softwarelivre.org/pub/main/JoaoBertolino/mtc.htm>)

ROSENAL, M. Pequeno Dicionário Filosófico. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, s/d.

Referências Bibliográficas

HOFFMAN, Jussara. Avaliação Mediadora; Uma Prática da Construção da Pré-escola à Universidade. 17.ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2000

FREITAS, Luiz Carlos. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática. Campinas: Papirus, 1995 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

LIBÂNEO, José Carlos. Os Campos Contemporâneos da Didática e do Currículo: aproximações e diferenças. Comunicação apresentada na XX Reunião Anual da ANPEd, Caxambu-MG, 1997. Publicada no livro Confluências e divergências entre didática e currículo, organizado por Maria Rita N.S. Oliveira, Papirus, 1998.

_____. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Carlos Cipriano. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? Disp: <http://www.artmed.com.br/patioonline/patio.htm?PHPSESSID=47c842e39090dec902020db09b210123>. Visitado em 21/12/2010.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. "Currículo escolar" (verbete). Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002)

<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=72>, visitado em 20/1/2011.

SACRISTÁN, G. O currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 1988.

SAUL, Ana Maria. Para mudar a prática de avaliação do processo ensino-aprendizagem. S/R (mimeo)



Sou eternamente grata pela ocasião de elaborar este material e, sobretudo, a oportunidade de permanecer junto com você durante seus estudos nesta disciplina. Ao elaborar este material procurei sentir a sua presença e quais seriam as suas dúvidas neste processo. Espero que tenha apreendido não só os conteúdos, mas, especialmente, o entendimento da responsabilidade de ser um educador. A educação que queremos talvez possa ser realizada no momento em que ela for compreendida como um dos instrumentos transformadores da sociedade. E isso não ocorrerá sem o compromisso de nos professores, e sem a luta política de todos aqueles que a têm como objeto de suas preocupações. Nenhuma ação transformadora poderá ser bem sucedida se ignorarmos a natureza das coisas com que lidamos. Nos só poderemos transformar algo se conhecermos o mesmo, só poderá transformar o mundo se conhecermos a vida, a sociedade e as tramas que a regem. Nesse sentido, a educação é meio fundamental para transformação do mundo como tal, para um mundo melhor, mais humano, mais solidário, mais feliz. Espero que você faça parte dessa luta e que tenha sucesso em seus estudos



Escola e Democracia (SAVIANE, Dermeval. Escola e Democracia. 1ª Edição. São Paulo: Cortez, 1983.)

É uma tentativa de esclarecimento da situação da Educação, senão ao menos uma melhor compreensão de sua relação com os diferentes aspectos da sociedade, da história e dos momentos políticos.

Parem de Preparar Para o Trabalho!!! (Texto de Vitor Henrique Paro)

Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. Disponível em www.edilson santos.pro.br/textos/paremdeprepararparaotrabalho.doc.

Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar. (FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar. 10ª ed. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1993.)

Paulo Freire dialoga sobre questões da construção de uma escola democrática e popular. Escreve especialmente aos professores, convocando-os ao engajamento nesta mesma luta. Este livro foi escrito durante dois meses do ano de 1993 pouco tempo depois de sua experiência na condução da Secretaria de Educação de São Paulo.

Nos endereços abaixo você encontrará muitos artigos sobre educação – é importante visitá-los!!!

<http://www.artmed.com.br/patioonline/patio.htm?PHPSESSID=47c842e39090dec902020db09b210123>.

<http://www.scielo.br/?lng=pt>